



Carnaval de ontem e de hoje

Correio Popular

29.2.76

Rafael Mi la Bueno

Neste domingo, terá início, nesta cidade princesa, o tríduo momístico de 1976.

Teremos, desta feita, Carnaval popular? O povo terá a necessária motivação para pular e se divertir nas ruas desta cidade?

Acreditamos que sim, eis que por obra e graça do decreto municipal n.º 4820, de 5 de Fevereiro do corrente, o Carnaval se tornou festa popular oficializada e constituída, a mando do nosso alcaide, uma Comissão especial, presidida por Airtton Martins, que a ela, estamos certos, emprestou todo o seu dinamismo e capacidade criadora.

E é bom que isso ocorra, eis que, de há muito, o tríduo momístico, que já não é mais tríduo, deixou de se revestir de sua natural característica popular, para se perverter numa vazia sofisticacão social, por vezes até mesmo insuportável!

O povo não mais se divertia, eis que o Carnaval havia se reduzido a um mero encontro social de alguns privilegiados, quais sejam os componentes dos corpos de associados das diversas sociedades da terra.

No Carnaval, o povo deixou de ter a sua vez, para ser mero e triste espectador de uma festa irritantemente requintada.

As ruas de nossa "urbe" já há muito tempo vinham perdendo o seu colorido alegre e se confundiam com dias comuns de meio de ano.

Desapareceram aquelas tradicionais e simples lampadzinhas multicolores que se multiplicavam, feericamente, ao longo da rua Barão de Jaguará.

Não mais existia aquele velho tabuleiro que, de ordinário, era armado todos os anos onde o povo, gratuitamente, se divertia ao som de animadas melodias espalhadas por um sistema de alto-falantes.

Os gratuitos bailes populares, carnavalescos tiveram seu fim e, de um tempo a essa parte, ninguém mais

se interessava em presentear o nosso povo sofrido, ordeiro e obreiro, com três dias de folia!

A cidade era escura, pacata, até mesmo melancólica num rude, triste e agressivo contraste com as reais características do reinado de Momo.

Não havia verba para o Carnaval num flagrante menoscabo que, impiedosamente, violentava a festa mais popular e tradicional de nossa gente.

Não havia mais numerário para alegrar o povo, este mesmo povo que padecia de muita alegria e aguardava, todos os anos, um carnaval animado, durante os tristes dias de seu viver.

O Carnaval parecia, até mesmo, marcar a quadra taciturna dos dias hodiernos onde somente havia guardada a acontecimentos violentadores, às notícias de terrorismo, de guerras, de conflitos petrolíferos, etc.

Estamos certos que este ano, teremos Carnaval popular e, com ele, a marca de uma administração humana que concebeu o Convívio.

Todavia, cuidamos que, em termos de carnaval, o melhor que se há de fazer é **curtir o passado** que já foi realidade; é ficarmos em **compasso de nostalgia** rememorando quando um povo liberto descontraído e alegre se comprimia, literalmente, na principal artéria de nossa cidade, a Rua Barão de Jaguará.

Resta-nos, numa recordação soluçante, lembrar dos velhos carnavais das ruas coloridamente ornamentadas barulhentas e buliçosas...

Dos velhos carnavais das batalhas de confetis, do entrelaçar das serpentinas, do delicioso odor dos lança-perfumes, das lantejoulas, dos brocais e lamês prateados, das pintas no rosto, das máscaras de cetim, das velhas e sonoras canções, dos tradicionais corsos, das ele-

gantes "buicks" e "nashes", com suas capotas recolhidas, e das simples e significativas fantasias; porque hoje, convenhamos, fantasia é desfile sofisticado que agride a miséria de um povo e grotesca competição econômica sempre entre as mesmas pessoas!

Sobra-nos, ainda, a doce lembrança do antigo par romântico, "Pierrot e Colombina" e das velhas canções que o povo, saudososo do carnaval de então, ainda canta em salões estranhamente ornamentado e que em nada fazem lembrar Momo.

Bem por isso, a canção popular do presente canta, com muita propriedade: **o Carnaval não envelhece e está vendo a gente envelhecer!**...

Relembramos, com sentida saudade, das renhidas competições em que figuravam os seguintes blocos carnavalescos: — Camisa Verde, Marujos, Corinthians, Bloco dos Farrapos, a da Banda do Boi e dos Palhaços que perambulavam, grotescamente, pela Rua Barão, assustando a criançada.

Dos Carnavais em que dos clubes que se sediavam no centro da cidade, se ouvia, deliciosamente, o misturar dos sons das suas orquestras, como, por exemplo: do antigo Clube Campineiro, do Cultura Artística e do Camões, esta ultima sociedade que viva ainda se encontra na recordação do nosso amigo e saudosista confrade, Chiquito Soares.

Resta-nos, ainda, a saudade do carnaval romântico de outrora, quando havia real sentimentalismo e o lança perfume não era ainda pervertido e sim se constituía num harmonioso expediente de aproximação de namorados; quando os jovens pulavam alegres, sem bida na "cuca" em plena rua Barão à vista das meninas da época!

Dos Carnavais do Baile do Bagaço, onde os nossos humildes irmãos tinham seus encontros de alegria.